

AUSCHWITZ E ABU GHRAIB

(Jornal do Brasil - 03/06/2004)

Cada vez mais, Bush se distancia de Roosevelt e se aproxima de Hitler. Cada vez mais, os campos de concentração de prisioneiros iraquianos se assemelham aos campos de concentração nazistas. Cada vez mais, os soldados e serviços de inteligência americanos se aproximam dos torturadores da SS e da Gestapo, no nacional socialismo. Cada vez mais, a invasão do Iraque pelos Estados Unidos se parece com a invasão alemã da França. Cada vez mais a resistência do humilhado povo iraquiano tem o perfil da resistência francesa, contra a presença germânica, na 2ª. guerra mundial. Cada vez mais o governo fantoche, imposto pelos americanos, conforma-se como aquele que o FÜRHER impôs aos guerrilheiros e que ficou tristemente lembrado como o "Governo de Vichy". Cada vez mais se percebe que Bush mentiu para o povo americano e para o mundo, como o ditador nazista mentiu para seu povo, ao levá-lo à guerra para criar os fundamentos de uma nova civilização, encimada pelo III Reich. Cada vez mais, o caos, a desordem, o sofrimento, a tristeza, a destruição do Iraque, perpetrados pelo exército estadunidense desenha-se como o rastro que Hitler deixou nos países invadidos, principalmente na Polônia e na Rússia. Enfim, cada vez mais o holocausto do povo iraquiano vai recebendo a triste escultura do holocausto sofrido pelo povo judaico, nas mãos de um sanguinário e carismático déspota, na Alemanha de 33 a 45.

Nem americanos, no futuro, nem alemães, no presente, desejam e desejarão lembrar das revoltantes fotos de Auschwitz e de Abu Ghraib, onde mortes, torturas, humilhações foram impostas a prisioneiros – não de guerra mas de preconceitos.

Que Bush começa a assemelhar-se a Hitler e àqueles que foram julgados em Nuremberg, não tenho dúvida. Os mais de 10.000 civis iraquianos mortos, quando participavam de atividades civis, em templos, escolas, festas de casamentos, por força de uma guerra fraudulenta, seriam motivo mais que suficiente para levá-lo já ao Tribunal Penal Internacional – se os Estados Unidos não tivessem se esquivado de assinar o tratado internacional que o criou--, visto que a esmagadora parte da opinião pública, não só dos iraquianos, mas do mundo inteiro, é que os EUA não foram para o Iraque com a finalidade de libertar o país, mas de invadi-lo. Não têm, suas tropas, o perfil libertador que aquelas, lideradas por Roosevelt, representaram para os franceses, na 2ª. guerra mundial. São invasoras, e têm que se proteger, como os soldados alemães, nos países invadidos, da ira dos humilhados povos que submeteram pela força e pelo ódio, impondo a dor, o caos e a morte.

Os "libertadores" de Bush são tão "queridos" pelo povo que "libertaram", que só podem sair às ruas fortemente armados, com proteção de tanques, helicópteros e bazucas e têm que ficar em quartéis e residências fortemente protegidos, para não serem mortos pelos seus "libertados". Ainda assim, os "libertadores" do mentiroso presidente americano, continuam sendo dizimados, como as tropas de Hitler eram dizimadas pela resistência francesa – movimento que hoje orgulha o povo francês pelo que representou, na luta contra o nazismo.

No futuro, estes iraquianos que se opõem aos soldados de "Abu Ghraib", possivelmente, serão lembrados da mesma forma como o são aqueles franceses que resistiram às tropas de Hitler.

E a história há de reservar ao sanguinário presidente americano e ao seu exército gerador do caos e da morte entre civis, o seu devido lugar, ou seja, na galeria dos grandes genocidas da humanidade, com lugar de destaque assegurado ao lado de Adolf Hitler.

Não sem razão, na palestra que proferiu, no Instituto Fernando Henrique Cardoso, o Presidente Clinton, quando questionado sobre o estilo adotado por Bush, no Iraque,

lembrou que, no seu governo, os Estados Unidos sempre buscaram o diálogo, tendo conseguido, entre Israel e a Autoridade Palestina, um período de relativa paz, por 7 anos. E concluiu que os americanos poderiam ter aguardado o resultado da inspeção sobre a existência de armas de destruição em massa, determinada pela ONU, o que poderia ter evitado a invasão iraquiana.

Que o povo americano, que já teve presidentes como Roosevelt, como Washington, como Lincoln, ou como Madison saiba afastar esse homem da Casa Branca, para readquirir o respeito da comunidade internacional e reduzir o sentimento de repúdio que vêm merecendo do mundo inteiro, graças a seu minúsculo presidente.